

TROPEIRO... E TEMPO DE TROPAS
(Severiano Altair Alves Borges – Vacaria/RS)

Quando a noite... Num tranquito,
Vem sombreando com suas asas
Eu escuto um, oh de casa
Num grito forte e vibrante
É a saudade que por diante
Vem tropeando meu passado
E um tropel abarbadado
Vai pisoteando meu peito
Quero gritar!!! Não tem jeito
Me embarga a voz na garganta
É o passado que se adianta
Acolherado ao presente
E...dói no peito da gente
Mais ainda me encanta.

E assim, as muitas saudades
De uma a uma vão chegando
Boleiam a perna, vão entrando
No aconchego do galpão
E ao pé do fogo de chão
Vão me dando seu recado
Vão trazendo meu passado
Espalhado pela estância
E mostrando que as lembranças
Vem pateando do meu lado

Recordo os idos da infância
Que se foram como o vento
E agora arrataram os tempos
Nessa saudade até aqui
É meus tempos de guri
Na saudade que não dobra
É o passado que me cobra
A alegria em que vivi

Aqueles tempos de piá
Que não me sai da memória...
Fiz a minha própria história
Infantil! É bem verdade
Mas gente: eu sinto saudade
Do rincão onde vivia
Das proezas que eu fazia
No inverno e no verão
E pra qualquer estação
Nova arte eu aprendia

No meu tempo de criança,
Eu tive tudo o que quis

Conseguia ser feliz
Nesse mundo em que vivia
Pois pra mim me parecia
Naquele viver profundo
Que era dono desse mundo
E era tudo o que eu queria.

Eu era um rico estancieiro
"cos" boisinhos na mangueira,
Eu comprei a tropa inteira
De um tropeiro, meu vizinho
Eu povoei com meus boizinhos
Duas braças de internada
Era osso e sabugada
Que eu contava da porteira
Comprado a ponta de dedo,
Era esse o meu enredo,
Era essa minha bandeira.

Era fácil pra um guri
Ser feliz...com quase nada
Tropa de osso e sabugada
E uma tropilha por diante
Um lacinho de barbante,
Quase alcançando uma braça
Um pingo branco de raça
Da junta de um boi carreiro
Pois era lida o dia inteiro
Nesse rancho a céu aberto
Só de alegria coberto
No meu viver de tropeiro.

Me lembro... de manhãzinha,
Tão logo raiava o dia
La no mato a sinfonia
Da passarada a cantar
Vaca de leite a berrar
Pela ânsia, ou alegria
Que vem reclamar a cria
Que é a nova e tem que mamar.

Me lembro... o cantar do galo
Entonado, um caudilho
Quem sabe, sobrando milho
Matinal sobrevivência
São coisas que na querência
Vê e ouve o dia inteiro
São coisas que de primeiro
Pesaram na minha infância
E apesar dessa distancia
Ainda me marca o pelo
Pois trago em meu pessuelo

O meu viver de criança.

Tem coisas que a gente vive,
Que se apartam da memória
Mas pra quem viveu a história
Desde o prefácio até o fim
É como o eco de um clarim
Que me desperta saudade
E vem trançar na cidade
A dor que do peito brota
Desse tropeiro de “osso”
Que nunca quis ficar moço
Pra não se apartar da tropa.

Hoje o tempo, não tem tempo
De passar “pras” minhas mágoas
E com os olhos rasos d'água
Eu bombeio pro passado...
Trago tudo pro meu lado
Num sublime devaneio
E assim os meus anseios
De um a um vão refugando
E aos poucos... Vou aceitando
Que existe um rio grande inteiro
E eu ainda sou tropeiro!!!
Pois minha vida vou tropeando.